

O BIJOU

PUBLICAÇÃO QUINZENAL LITTERARIA
DEDICADO ÀS DAMAS VIMARANENSES

ASSIGNATURAS	GUIMARÃES	TODA A CORRESPONDENCIA
Anno 300	DOMINGO 23 DE JANEIRO DE 1887	Deve ser dirigida á
Com estampilha 360	—	REDACÇÃO

CONVERSANDO COM A MILLITA

QUANDO te vejo á noite, deitadinha a dormir, tão tranquilla, na tua pequenina cama, fazes-me lembrar uma borboleta, que adormecesse descuidada no calice d'uma açucena. Quizeira que o meu carinho, como sentinella firme e vigilante, desviasse as aves nocturnas, que, com seus gritos roucos e dissonantes, intentam perturbar o teu repouso. Mas não posso! A manhã, do antro medonho de Ttophonio, sahirá um espirito mais negro que a propria treva, que, fascinado, ao contemplar-te branquinha como as meigas pombas de Sião, tentará manchar-te a alvura immaculada. E, como lhe escaparás tu, tão pequenina, tão fraquinha, se não basta fugires-lhe, e necessario é que te occultes, aonde o maldito não possa tocar-te?.....

Alem, n'um humilde estabulo, não vês tu, meu anjo, Aquelle ao Qual dá's o doce nome de Jesus Menino? Ovelhinha dilecta e querida, aproxima-te do manso Pastor; junto d'Elle, repousarás tranquilla e feliz. Jesus te ensinará a plantar e cultivar as mimosas flores com que has-de enfeitar-Lhe o throno. Entre essas bellas flores, appare-

cer-te-hão primeiro—a Fé—a Esperança—a Caridade. A Caridade! sabes tu o que é, o que vale esta flor? Oh! que não saiba eu dizer-t'o! Caridade, meu amor, é Jesus em tudo, e tudo em Jesus. Caridade, é, em linguagem mais intelligivel para ti, a moeda de cobre que tiras da tua bolsinha e depositas na magra mão do mendigo, a fatia que lhe dás do teu pão, os restos do teu jantar. E'-o tambem, e muito mais ainda, o carinho com que amparas o velhinho tropego e doente, uma palavra bondosa ao miseravel, a consolação ao que chora, uma meiguice ao pequenito orphão que não tem, como tu, quem o beije e affague. Caridade, minha filha, é tudo isso, mas é muito mais ainda, que nem eu sei dizer-te, nem tu podes comprehender por ora. Mas Jesus te ensinará tudo, e tu, anjo pela innocencia, sel-o-has outra vez pela Caridade.

Vês aquelle pequenito magro e pallido, de vestidinho esfarrapado? Chama-o, e consola-o com um sorriso, reparte com elle a tua merenda, beija-o na face: e quando o abraçares, não te esqueças de lhe chamares irmão.

Consola aquella infeliz rapariga, que de porta em porta mendiga uma pequena esmola para a mãe, que agonisa em miseravel enxerga. Coitadinha, parece soffrer tanto, e foi repellida de tantas portas! Vae ao seu encontro, agora que ella caminha agitada, dominada talvez pelo desespero; não a deixes ir mais alem, pede, pede aos teus que te estremeçam, uma esmolinha para a desgraçada. Se tu soubes-

ses de que medonho tremedal a vae desviar a tua mãosita branca e macia! Não queiras saber, meu anjo, sê pura, sê boa. Em paga do bem que fizeres, Jesus deixará cahir sobre a tua branca alminha gotas purissimas de orvalho celestes; e olha que as perolas do rocio matutino, são brilhantes e formosas nas petalas purpurinas da rosa, mas são mais puras e crystallinas no calice da açucena mimosa.

Serás feliz, se emitares o herbanario, que semeia e dispõe na primavera as plantas medicinaes. para no estio colher-lhe os ramos e as flores. Hoje, que és tão pequenina e pura, não me comprehendes por certo, mas, quando mais tarde as paixões assaltarem o teu coração, e a cabeça te pender fatigada, após luctas occultas, mas medonhas, descerás então ao teu coração, fechando cautelosa a sua entrada, e humedecendo os labios seccos nas gotas puras alli enthesouradas na infancia, e aspirando o perfume gratissimo das mimosas flores, então plantadas, o teu espirito tranquilisar-se-ha, e acharás momentos de suave quietação.

A vida é por ora, para ti, sorridente, como o primeiro raio do sol, a beijar a cumiada da serra, serena como a superficie lisa de um lago; sem cuidados e sem receios deslisa, como a d'aquelle bom moleiro do tempo de Frederico, da Russia.

E serei eu, que te amo, quem irá despertar-te d'esse bom sonho?

Não, mil vezes não; dorme, dorme, reclinada nos braços da innocencia! Se um dia, mais tarde, por desgraça, fugir de ti essa companheira da infancia, e eu te vir, hesitante, em meio da estrada, dir-te-hei então o que é a vida.

Vieira do Minho, 42—1886.

VIRGINIA D'ABREU.

VADE RETRO !

(A UMA EXIMIA VALSISTA)

Tem os saltos da gazella,
Os vôos da cotovia;
Não são mais vivos que os d'ella
Os ziguezagues da enguia.
E' aguia voando altiva,
E' mais fogaz, mais esquivã
Do que a lebre ou codorniz;
E, surgindo de repente,
Bole c'os nervos á gente
Como o vôo da perdiz.

Que saltos, e que desordem !
Que requebros ! que tregeitos !
Até as mesmas que a mordem
Lhe invejam aquelles geitos !
Não sei se é pomba, se rola;
Sei que faz a gente tola,
Quando começa a voar;
Eu mesmo, que já sou bronze,
Sinto-me entre as dez e as onze,
Quando a vejo dar a dar.

Ai, mulher, se tu nasceras
Quando eu jogava o pião,
Que rodopios não deras,
Toçada por minha mão !
Agora quero e não vejo
Com que mate este desejo
De tornar a ser rapaz;
Mas, visto que já não jogo,
O que devéras te rogo
E' que me deixes em paz.

Vae rabear para longe,
Rodopiar ao inferno,
Que isto de tentar um monge
E' dar calor ao inverno.
Já fui leigo, hoje sou frade,
Mas sei bem o que é saudade
Dos meus tempos do pião;
E tu, d'uma valsa ao cabo,
Deixas tentado o diabo,
Quanto mais um bom christão.

F. C.

A redacção do «Bijou» felicita a sua distincta collaboradora a Ex.^{ma} Sr.^a D. Virginia d'Abreu, pelo seu anniversario natalicio.

MIOSOTYS

Ninguem dirá ao vêl-a
A tímida florinha
Pequena e tão mesquinha
Como no ceo a estrella,

Ser ella a causadôra
D'aquella morte estranha
Na lenda d'Allemanha
Na lenda, que apavôra.

E' assim que tu, meu bem,
És semelhante á flor.
Oh candida ceem

Estatua do Pudôr
Sem o saber's tambem
És assassina, amor !

Coimbra.

ALBERTO SILVEIRA.

AMIZADE

(A JOÃO ABREU)

Preciosa palavra ! és constituída
de sete letras que encerram um poema;
sete letras que são a apothéose do cora-
ção humano !

AMIZADE, tu és a fonte inexhau-
rível d'onde dimanam as mais affectuo-
sas virtudes; tu és a mirifica estrella
que n'um reflexo da tua alabastrina
luz, formas do peito humano um the-
souro de sympathias.

A. Pires

BOLETIM ELEGANTE

Desde hoje até ao dia 4 de Feve-
reiro fazem annos as ex.^{mas} snr.^{as} :

Hoje—D. Maria Justina de Le-
mos.

Dia 26—D. Adelaide Sophia Tei-

xeira de Menezes.

Fevereiro :

Dia 1—D. Elvira Bertha de Je-
sus Fernandes.

Dia 3— D. Elisa da Conceição Ri-
beiro.

Dia 4—D. Virginia de Abren.

SONA PRÁTICA

A L. A. M.

Eu via-te affagar c'o a mão franzina
Eburnea, delicada, transparente,
A espuma d'uma onda crystalina
Que morria na praia tristemente.

E quando ella passava buliçosa
Banhando-te o pesito pequenino,
Sorrias, e dos labios côr de rosa
Fugia-te uma phrase sem destino.....

E a aragem que no ar então brincava
De mansinho os teus labios bafejava
Como no estio as petalas da rosa.

E a onda infeliz, mas socogada,
Vinha morrer na praia desolada
A soluçar d'amor por ti formosa.

POVOA DE VAREZIM.

Antonio d'Almeida.

A ALGUEM...

E's muito linda ! tua bocca
Tem um sorrir seductor :
Teus labios dizem paixão,
Teus olhos dizem Amor.

Tuas madeixas realçam
Das faces a rosea côr;
Enleiam muitos segredos,
Meigas algemas d'amor.

O teu olhar deslumbrante
Brilha com tanto fulgor...
Semelha batel fundido
Das ondas de casto amor.

Semelha estrella perdida
Radiando ignoto alvor;
Mimosa flor que acalenta
O rocio de terno amor.

Adeus ! ai ! és muito linda,
Meu cherubim seductor !
Meu peito é lava de affectos,
Teus olhos—vulcão d'amor !

Porto 14, janeiro 1887.

...B...

A POBRE

(A MEUS PAES)

TODOS os dias ao entardecer a encontrava eu sentada á beira da estrada.

Ahi implorava a compaixão dos que passavam, porem poucos eram os que lhe estendiam o braço compassivo, que lhe alliviavam o seu penar.

O inverno frigidissimo deixou gravadas em sua alma impressões bem dolorosas.

Veio a primavera. Desabrocharam as odoríferas florinhas, e opulenta alcatifa de verdura alindou os campos.

Todos foram atravez dos prados floridos recrear o espirito que desejava embalar-se ao som dos maviosos gorgeios das avesinhas, e embriagar-se no halito perfumado do rosmaninho e da madresilva.

Todos saudavam a primavera, só a pobre permanecia triste !...

A ultima vez que a vi, foi n'uma tarde d'outomno.

Um vento brando e fresco movia a folhagem, e os ultimos cantos das alegres camponezas perdiam-se ao longe.

Não sei que sentimento profundo

me fazia olhar para os visos dos montes.

É que na atmosphera fluctuava essa indefinida tristeza das tardes d'outomno.

Sentada sobre um marco da estrada estava a infeliz. Junto d'ella, e pousados sobre os ramos d'um corpulento carvalho estavam dois travessos pintasilgos, que, vibrando suaves canções, augmentavam a tristeza que no pallido rosto da pobre tão claramente se desenhava.

D'esta vez chorava e muito.

Recordava-se da infancia, d'essa quadra em que a vida deslisa tão meiga e esperançosa !

Vieram-lhe á imaginação as doces lembranças d'esses tempos d'amor e gozo !

N'esse tempo não conhecia ella até que ponto chegaria a ambição, não sabia ainda a escassez da caridade que havia no mundo, e todos os transe da vida.

Agora via-se só, sem amor, sem esperança e sem a doce consolação da familia !

Era por isso que assim chorava.

Sentia-se tão só na terra, que é tão habitada !...

E ninguem alli que lhe enxugasse as lagrimas, que a confortasse no seu longo martyrio !

Todos sabem lastimar qualquer infeliz depois de morto, mas durante a vida negam-lhe o obulo da caridade !

A noite ia-se avisinhando. A mendiga levantou-se, deu alguns passos e ajoelhou pedindo a Deus allivio para tanto soffrer...ou a morte para tamanha paixão.

Morta estava ella que vivia sem esperanças e sem a vida do coração.

.....
Dias depois encontraram-n'a morta no mesmo logar em que dirigira a prece ao ceo.

Porto, 1886.

A. Leão Martins.